

# humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

R. P. PATRICIO DE FUENTES Y VALBUENA, **El Beato Padre José de Anchieta S. J. (1534-1597), poeta épico latino, apóstol del Brasil, Perficit**, vol. X, n.ºs 121-127, Enero-Julio, 1979, 200 pp.

Na capa, o Autor da presente monografia indica o motivo do seu trabalho: «Homenaje al nuevo Beato ANCHIETA, poeta latino, con motivo de su glorificación. (22 de junio de 1980).»

Da abundante obra latina de José de Anchieta, o R. P. Fuentes ocupa-se principalmente do poema *De Gestis Mendí de Saa*, escrito em honra do terceiro Governador-Geral do Brasil, o conimbricense Mem de Sá, irmão do mais conhecido poeta Francisco de Sá de Miranda.

O P. Fuentes traduz alguns trechos escolhidos deste *epos*, do poema religioso *De Beata Virgine Dei Matre Maria*, e de algumas poesias menores. De toda a obra poética de Anchieta existe, como é sabido, tradução portuguesa do R. P. Armando Cardoso, S. J., sem favor o maior estudioso dos versos do seu confrade de quatrocentos anos atrás.

No presente estudo do Rev. P. Fuentes impressiona mal o desaforo com que o Autor trata a onomástica portuguesa, permitindo-se alterar os apelidos a seu bel-prazer, ao transformar os Sás quer se trate de Mem, de seu filho Fernão ou de seu sobrinho Estácio, o fundador do Rio de Janeiro, por ... «de la Sala», de tal forma que o *De Gestis* aparece intitulado em espanhol *Hazañas de Mendo de la Sala*. E outras tropelias do mesmo género.

De p. 43 a p. 59, o A. publica uma bibliografia que, além de incompleta, não foi utilizada com a devida atenção. Assim, o P. Hélio Abranches Viotti, num livro que tem nessa bibliografia o n.º 106, a partir de documentos do Vaticano (1), chegou à conclusão de que o jovem canário veio para Coimbra em 1548, com seu meio-irmão, Pedro Nuñez, mais velho e filho do primeiro matrimónio de sua mãe.

Ora, em 1976, e ignorando ainda o que escrevera o P. Viotti, cheguei à mesma conclusão, com base num documento, cuja fotocópia me enviou para o Brasil a distinta conservadora do Arquivo da Universidade de Coimbra, lic.ª Maria Georgina Trigo Ferreira. Segundo esse documento, «pedro nunez de tenerife das Canarias de Castela» provou ter frequentado as aulas de Cânones na Universidade de Coimbra, desde Outubro de 1548. Seu irmão mais novo, José, acompanhou-o a

---

(1) O Rev. P. Abranches Viotti é o principal biógrafo contemporâneo de Anchieta. O livro em apreço tem o título de *Anchieta, Apóstolo do Brasil*, São Paulo, 1966, p. 28.

Coimbra, segundo o P. Pero Rodrigues, contemporâneo de Anchieta e um dos seus biógrafos (1).

Por isso, é necessário corrigir tudo quanto o A. escreveu na p. 10 sobre os estudos de Anchieta em Coimbra, pois está errado.

Talvez por deficiências de informação bibliográfica, o Senhor P. Fuentes mete-se a corrigir desnecessaria e erroneamente o texto de Anchieta. Não possuindo eu a edição de 1958 (a última é de 1970), torna-se-me incompreensível que o Autor tente corrigir no *De Gestis* um verso que está certo na edição de 1970. Mas talvez a sua correcção se justifique em relação à edição de 1958. Em todo o caso, um trabalho como o do Senhor P. Fuentes devia ter sido feito à vista da última edição do poema, para não falar já da conveniência de ter à mão uma fotocópia da *editio princeps* de 1563 (Coimbra, João Álvares), de que existe um exemplar na Biblioteca de Évora.

A verdade é que, nestas duas últimas edições mencionadas o verso 1099 aparece assim enquadrado:

Primaque cunctorum radix et causa malorum,  
In laudes clarumque decus compressa cupido  
Hostibus a caesis noua sumere nomina honoris. 1100

Neste contexto, é incompreensível — repito — a nota do Senhor P. Fuentes: «Texto deficiente. Hemos suplido una palabra que faltaba. Al menos así es comprensible...»

Por um [*melos*] entre parênteses rectos, no texto de Fuentes, vê-se que a palavra que faltaria seria *decus* que está na edição de 1563 e é a palavra adequada.

A respeito do soneto em quatro línguas, atribuído a Anchieta num manuscrito da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, soneto por mim publicado em *Humanitas* xxxi-xxxii, 1979-80, pp. 244-245, o A. tem o mérito de sugerir a rima que se impunha no verso 12, «opere diuino», e que uma leitura mais atenta do ms. revelou ser a verdadeira. Mas já não tem razão quando estranha que o poeta, tivesse usado o «italiano (que no consta conociese, al menos para filigranas literarias), y no, por exemplo, el tupi-guaraní, que conocía tan bien como sabemos, dominándolo» (pp. 184/185).

Além das razões para usar o italiano que dei na notícia onde o soneto está inserido, informou-me o Rev. P. Abranches Viotti (2), na sua passagem por Coimbra, em 12 de Novembro de 1981, de que Anchieta toda a sua vida convivera com italianos, devendo, portanto, conhecer bem a língua.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

(1) A. Costa Ramalho, «Coimbra no tempo de Anchieta (1548-1551)», 8.º Congresso Brasileiro de Língua e Literatura, Rio de Janeiro, 1976, pp. 49-69, especialmente as notas 1 e 8; Id., «Anchieta em Coimbra», *Humanitas* xxix-xxx, 1977-78, pp. 226-229.

(2) Ler, neste volume de *Humanitas*, o seu artigo «A Itália na vida do Beato Anchieta».